

A guerra da sucessão já começou

Candidatos estão em campanha, mas FHC ainda tem dois anos e meio de mandato

Fotos:Geraldo Magela

Mesmo a dois anos e meio da sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, as urnas de 2002 já determinam o comportamento de ministros de Estado, governadores e dos mais influentes líderes da base aliada, infernizando a vida do Palácio do Planalto. Cardeais do PFL não têm dúvidas de que o comportamento "belicoso" do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), é fruto de sua disposição de posicionar-se na corrida sucessória. Na avaliação de dois dirigentes nacionais do partido, a determinação de ACM em ampliar seu espaço no cenário nacional é tamanha, que poderá levá-lo a romper "em breve" com a direção atual, rachando o PFL.

Mas o fantasma da sucessão não ameaça apenas a unidade do PFL, cujos dirigentes têm mandato até abril de 2002. Ao contrário, assombra vários partidos, gabinetes, debates e votações no Congresso. Na discussão da proposta que vincula recursos do Orçamento à saúde, por exemplo, enfrentam-se dois ministros - José Serra (PSDB), da Saúde, e Pedro Malan, da Fazenda, o governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), todos apontados por seus partidos como candidatos potenciais ao Planalto.

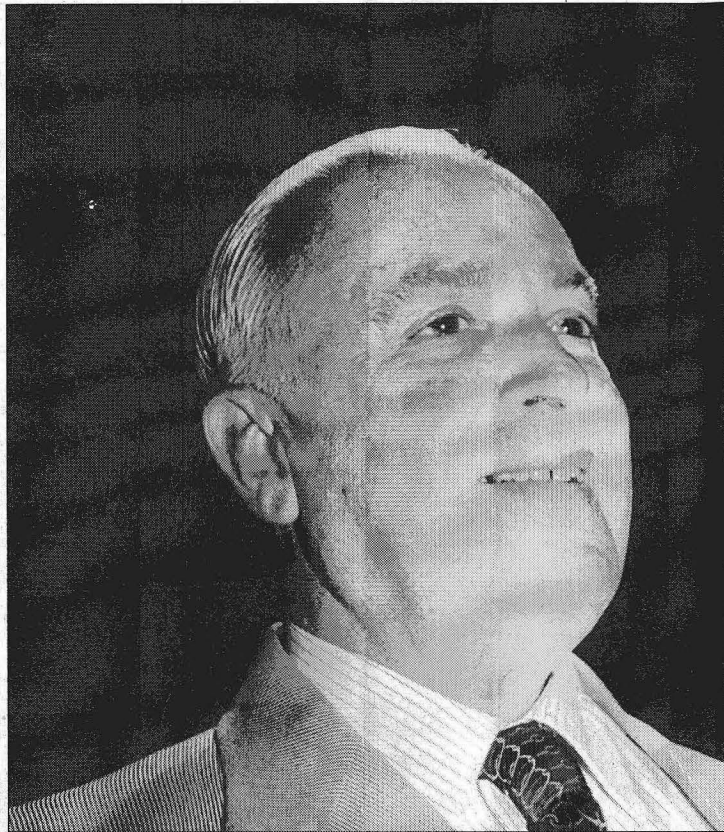
O temor dos pefelistas de uma "radicalização" de ACM nos próximos dias tem razões que a agenda partidária pode explicar. O partido programa para o dia 25

nova reunião da comissão PFL 2000 em São Paulo. A figura central será a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, que passou à frente de ACM na preferência do eleitorado para ocupar a cadeira presidencial. "Isso vai irritar Antônio Carlos, mas o novo foco de atrito entre ele e Bornhausen (senador Jorge Bornhausen, presidente nacional do PFL) é inevitável", avalia um cardeal do PFL.

De fato, o clima é bem diferente da convenção nacional que o PFL montou para o próprio ACM em 13 de maio do ano passado. Ali, o senador foi não só a "estrela" do encontro como a causa da única moção aprovada por unanimidade: a da candidatura própria do partido ao Planalto. "Hoje ele briga com o Bornhausen e diz que tem a maioria do partido, mas naquela época ACM tinha o PFL inteiro com ele", lembra um dirigente pefelista.

O parlamentar entende que ACM ainda sonha com a própria candidatura, mas quando fala em Tasso dá sinais de que pode acabar rompendo com o PFL e o governo para apoiar outro cearense: o candidato do PPS, Ciro Gomes, que todos juram que está acertado com Tasso. Na avaliação do Planalto, ACM é especialmente "perigoso" não tanto pela articulação que pode construir, mas pelo alto poder de destruir alternativas que agradariam o governo. "Hoje ele é um franco atirador", resume um colaborador do Planalto.

A proposta da saúde também poderá acirrar as divergências entre ACM, que defende a candidatura do governador Jereissati



Enquanto o senador Antônio Carlos Magalhães briga por seu espaço o ministro Pedro Malan defende o social

ao Planalto, e Bornhausen, que insiste em trabalhar o nome de Roseana. O senador baiano decidiu dificultar ao máximo a votação, alegando que a vinculação contraria os princípios liberais do partido, ao mesmo tempo em que Bornhausen trabalha contra o fechamento de questão na bancada de senadores para rejeitar a proposta.

O autor da proposta é o também presidencialista ministro Serra, que tem aproveitado para percorrer o País numa atitude que líderes tucanos avaliam mais próxima do candidato que do minis-

tro. Perde também o pré-candidato e ministro da Fazenda, Pedro Malan, a primeira batalha contra a vinculação orçamentária da saúde na Comissão de Justiça do Senado. Mas, ele já avisou a direção do PFL que não fará "um cavalo de batalha" desta briga. "O Malan não quer se expor porque também está mordido pela mosca azul", resume um influente tucano.

Aparentemente fora da disputa, mas igualmente de olho em 2002, o governador Tasso reserva-se, nos bastidores, como alternativa para eventuais desgastes



dos candidatos tucanos que já se apresentaram, como Serra e Malan. Um tucano experiente acrescenta que ele aposta no cansaço geral do chamado "paulistério", a administração federal que traz paulistas em todas as posições-chave.

O "novo Malan", que passou a adotar o discurso da ênfase no social, tem o aplauso geral. "Todo nome que surge com potencial eleitoral no campo governista, o PSDB aplaude", resume o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (PSDB-MG), certo de que a estabilidade econômica só tem valor

ser for o caminho para o crescimento e a justiça social.

Problemas à parte, tanto o líder do PMDB Jader Barbalho, quanto o tucano Aécio apostam na reedição da aliança que elegeu Fernando Henrique. "Só com a união das forças aliadas e o relativo sucesso do governo será possível encaminhar a sucessão com perspectiva vitoriosa", diz Jader. "Fora disso, raciocina, sobra apenas o caminho da aventura, que pode repetir o modelo da eleição Collor de Mello: uma disputa acima dos partidos e na base do oportunismo político".